

EL CORAZÓN DEL BOSQUE / 1978

Um filme de Manuel Gutierrez Aragón

Realização: Manuel Gutierrez Aragón / História e Argumento: Manuel Gutierrez Aragón e Luis Megino / Fotografia: Teodoro Escamilla / Cenários: Felix Murcia / Montagem: José Salcedo / Interpretação: Norman Briski (Juan), Angela Molina (Amparo), Luis Politti (El Andarín), Victor Valverde (Suso), Santiago Ramos (Atilano).
Produção: Arandano P. C. / Director de Produção: Luis Megino / Cópia: 35mm, Panorâmico, colorida, legendada em inglês e eletronicamente em português / Duração: 108 minutos / Estreia: Madrid 28 de Novembro de 1979 / Inédito comercialmente em Portugal

A ninguém escapará a ligação que se estabelece entre este filme e a obra-prima de Joseph Conrad "O coração das trevas", em certa medida favorecida pela semelhança dos títulos. Mas não é só neste ponto que ela se encontra: idêntico é o percurso de Juan, militante numa organização de esquerda enviado em 1952 às Astúrias para recuperar ou pôr fim às actividades dum guerrilheiro que continua a fazer a guerra à sua conta. Como no livro, ou no filme de Coppola "Apocalypse Now" que lhe é contemporâneo, Juan vai sendo fascinado por um personagem que os habitantes da região protegem e consideram uma lenda viva, acabando contaminado por ele física e psicologicamente. Se as peripécias são diferentes em ambos os filmes, eles encontram uma estranha semelhança a partir do momento em que Kurtz e Willard, por um lado, e Juan e "El Andarín" por outro, se encontram. A atracção de um, a desmesura do outro. No acto voluntário em que o velho guerrilheiro se oferece à morte gera-se a transformação completa de Juan: à blasfémia que um grita no monte responde em eco o outro ao ser preso. Uma legenda final diz-nos que anos mais tarde ao sair da prisão Juan vai viver para junto da irmã, de quem Sugo, o marido, se separara, numa relação ambígua onde renasce a que ela mantivera com "Andarín". De novo o incesto marca a sua presença no novo cinema espanhol.

Ao começo outra legenda esclarece que o filme se baseia em histórias e memórias da região. Gutierrez Aragón declarou: "Todos os personagens são reais, embora se tenham somado as características e singularidades de vários. As situações são reais e os cenários também. Foi filmado nas Astúrias e Santander, regiões com bastantes recordações de incidentes com os "maquis".

Até 1948 alguns grupos isolados continuam a luta contra o regime franquista, em regiões agrestes e pouco povoadas. "El corazón del bosque" começa em 1942 com uma acção violenta do grupo de "El Andarín". Protegido pelos seus homens, vai depois ao povoado dançar com as mulheres durante a festa. Ele é já a lenda viva que as crianças idolatram e que Amparo em pequena olha com admiração. Em 1948 face ao fortalecimento do regime, os grupos políticos no exílio dissolvem as organizações armadas e os membros do "maquis" passam a fronteira para França. Excepto alguns irredutíveis, como "El Andarín" que Juan tem de parar a bem ou a mal.

"A história é como um rio, e estes "maquis" ficaram na margem, adormecidos debaixo dum choupo" Gutierrez Aragón).

Pode dar a impressão, pelo que atrás fica dito, que estamos diante de um grande filme, uma obra diferente, um novo "Pascual Duarte". Mas quem assistiu a esse filme sabe que não é assim. "El corazón del bosque" representa a outra vertente do cinema de M. G. Aragón de que "Sonambulos" faz parte e que ele define em declarações que transcrevi na folha desse filme. Este seria o filme dirigido ao público que ainda gosta duma história contada segundo as "quatro regras narrativas". Mas se de facto "El corazón..." tem uma estrutura mais legível mesmo assim padece dum certo "cerebralismo" onde devia haver "corazón", e uma frieza onde deveria estar paixão. Isto acaba por levá-lo ao mesmo defeito de "Sonambulos": a confusão. Fascinado pela riqueza da paisagem e das figuras, o realizador deixa muito por explicar, medo talvez de cair num filme demasiado palavroso, ou impossibilidade de encontrar a imagem equivalente. A força de ver a floresta esqueceu as árvores. Há um momento particularmente significativo no que diz respeito a esta impossibilidade: o morto-vivo que cai da carroça levada pela Guarda Civil e que Juan revista em busca de comida. Como acontece a recuperação surpreendente do guerrilheiro? Não é só neste ponto que o filme coxeia. Também os personagens de Suso e Amparo se encontram mal definidos não só nas relações entre si como com os outros. É óbvio que o próprio realizador teve consciência disso ou não introduziria aquela legenda final. Ela quer explicar aquilo que deveria ter sido dado em imagens, conclusões que o espectador saberia retirar se lhe dessem os elementos. E temos finalmente esse bosque que subjuga as pessoas, as devora. Também neste caso não me parece que Gutierrez Aragón tenha sido bem-sucedido. É excessiva a insistência na paisagem, nas poéticas neblinas (que à força de o serem acabam por perder a poesia), com frequência temos a impressão de qualquer coisa de artificial, a imagem não é capaz de nos transmitir qualquer sentido. Visto que falámos do "Apocalypse Now" repare-se na diferença (que não é de carácter económico) entre a sensação doentia, de mal-estar conseguida por Coppola e a indiferença com que penetramos neste bosque.

Aos personagens que se movem neste bosque artificial falta-lhes também um pouco de vida. Parecem apenas isso mesmo: personagens, e não por culpa dos actores mas por uma insuficiente definição no argumento. Se nos lembrarmos de outros filmes em que a natureza domina e condiciona os que nela vivem ("A fúria do desejo", de Vidor, "A fonte da virgem" de Bergman, "Dersu Uzala" de Kurosawa) apercebemo-nos mais de todos os artifícios deste "El corazón del bosque".

Não quer isto dizer que o filme de Gutierrez Aragón seja de recusar a priori. É um tema rico de sugestões e implicações, com uma óptima fotografia particularmente desperdiçada por uma realização mais ou menos indiferente, e tem um lote de excelentes actores, onde é um prazer reencontrar "esse obscuro objecto de desejo" de Buñuel: Angela Molina. Infelizmente também aqui a direcção de Gutierrez Aragón deixa muito a desejar, flagrante especialmente no encontro de Amparo com Juan ao começo, ou dela com "El Andarín" no milheiral. Temos a impressão que Angela Molina teve de recorrer a todos os seus recursos de actriz por falta de indicações concretas sobre a personagem.

Manuel Cintra Ferreira